

# TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias\_debates@grupofolha.com.br  
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## A era do 'indignismo'

Opiniões ponderadas têm pouca chance de sucesso

**Rubens Figueiredo**

Cientista político pela USP, diretor da consultoria Cepac e colaborador da Fundação Espaço Democrático

A sociedade brasileira está confusa, mal-humorada, bipolar. Vivemos um momento no qual é impossível — e, para muitos, irrelevante — distinguir o principal do acessório. O importante, seja para os fãs de Bolsonaro, seja para os que o odeiam, é ficar indignado. Análises mais abrangentes não dão ídolo: o que interessa é expressar a "torcida", desancar o inimigo, desqualificar o oponente. As pesquisas mais recentes sobre o assunto, como Datafolha de 5 de outubro de 2018, mostram que 69% dos brasileiros concordam que a democracia é preferível a qualquer outro sistema de governo. O número é vigoroso, o maior da série histórica. Deveria nos encher de orgulho numa época em que as livrarias estão atoladas de livros sobre a decadência da democracia. Mas o grande balizador da opinião pública não é o regime político, não é o Flamengo, não é a Rede Globo, é a Lava Jato.

O país parece dividido entre aqueles que são favoráveis à operação e institucionais aos quais ela deveria se circunscrever, e os que são contra, fundamentalmente os petistas, que se consideram perseguidos pela ação de Sérgio Moro e seus intrépi-

dos procuradores. No meio do caminho, um grupo, certamente minoritário, no qual me incluo, que apoia o combate à corrupção, mas entende que ele deve dar amparo nos devidos trâmites legais.

O interessante é que, no afã de apoiar a condenação dos corruptos, os defensores da Lava Jato a qualquer custo cospem no prato da democracia — a mesma democracia que consideram a melhor forma de governo e está longe, muito longe, de ser o regime do "vale-tudo" ou uma terra de ninguém. John Wayne poderia dar certo nas tabernas do faroeste, mas não tem nada a ver com leis e tribunais. Perdeu-se totalmente a referência.

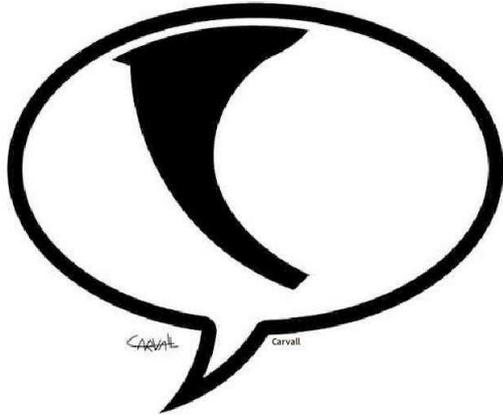
Quem apoia a Lava Jato estrilou contra a Lei de Abuso da Autoridade. Ora, a história da democracia pode ser sintetizada como o avanço progressivo da delimitação do poder discricionário do Estado e seus agentes. Thomas Marshall já apontou essa trajetória em três grandes ondas da expansão dos direitos do cidadão. Primeiro, no século 18, os direitos civis: à vida, à segurança e à liberdade individual. Depois, no século 19, os políticos: basicamente a soberania popular e a possibilidade

de participação. No século passado, afloraram os direitos sociais, como trabalho, saúde, educação, alimentação e mesmo renda.

Depois, há uma visão profundamente equivocada do papel da Justiça. Vivemos uma situação na qual a Justiça é considerada a boa quando prende e ruim quando solta. As favas as leis, o direito de defesa, as garantias constitucionais etc. O Supremo Tribunal Federal, que tem lá seus defeitos, mas é o guardião máximo da Constituição, absorve a ira da sociedade — responde rápido: você torce por Rodrigo Janot ou Gilmar Mendes? — porque sinaliza algo que deveria ser considerado banal: nossa Lei Maior precisa ser respeitada!

Tome-se, finalmente, os diálogos divulgados pelo site The Intercept. Como são analisados? Os bolsonaristas vociferam contra Greenwald, esta Folha e a revista Veja, considerando-os esquerdistas militantes, agentes marxistas disfarçados e defensores da corrupção desenfreada. Do lado oposto, a esquerda festeja as revelações e considera que todos os processos da Lava Jato, bem como as condenações, devam ser anulados.

Nesse clima de "indignismo" e nessa polarização que está mais para MMA do que para deliberações na ágora grega, a possibilidade de sucesso de uma opinião mais ponderada não é muito expressiva. Mas vá lá. A Constituição existe para ser acatada, criminosos devem ser condenados após cumpridas as exigências legais e observado o amplo direito de defesa, juízes devem ser imparciais e cada um deve ser responsabilizado por seus atos. Será que é pedir muito?



## Os caiçaras da Jureia à frente da conservação

Antigos moradores têm direitos e não são invasores

**Manuela Carneiro da Cunha, André Villas-Boas e A. Toshio Hayami**

Antropóloga e professora titular sênior da USP  
Secretário-executivo do ISA (Instituto Socioambiental)  
Defensor Público do Estado de São Paulo

Merece correção artigo publicado nesta Folha, em 29 de setembro, sobre uma suposta ameaça à Jureia. Três jovens caiçaras, de uma família da região desde pelo menos 1856, construíram casas para suas famílias na localidade Rio Verde/Grajuina. Haviām pedido oficialmente para fazê-lo, amparados na lei estadual que criou o mosaico da Jureia-Itatins. Após mais de um ano de espera, foi-lhes negado o pedido pela Fundação Florestal, indeferimento vago e sem fundamentação adequada. Reiteraram os pedidos, mas não houve resposta.

A iniciativa de construir casas foi, portanto, uma desobediência civil. Foi legítima, e não simplesmente ilegal, como afirma o artigo. Teve o mérito de levar a questão à Justiça: enquanto duas famílias tiveram suas casas destruídas, para preservar a terceira e reconhecer sua tradicionalidade e direito de permanência,

um pedido de liminar foi concedido e depois confirmado pelo Tribunal de Justiça de São Paulo. Esse dado importante não foi mencionado no artigo que disputamos.

Os caiçaras não só conservaram por pelo menos 200 anos a biodiversidade da região como se aliaram aos ambientalistas na luta contra interesses imobiliários e de usinas nucleares. A unidade de conservação obtida por essa aliança, no entanto, os expulsou aos poucos. São antigos moradores agora tratados como invasores. Insinuam, sem nenhuma prova, que estão a serviço de interesses imobiliários, e particularmente injusto.

O artigo que atacou os caiçaras menciona que eles teriam iludido, com uma narrativa tendenciosa, "pessoas e entidades de boa-fé" que lhes manifestaram solidariedade. Vários dos mais de 200 acadêmicos que os apoiam são testemunhas de sua veracidade.

Na realidade, trata-se de aderir a uma visão contemporânea da conservação, devedora da norte-americana Elinor Ostrom, prêmio Nobel de Economia em 2009, e resultado de uma autocrítica do movimento ambientalista desde 2003.

Como coloca a relatora especial da ONU para os Direitos dos Povos Indígenas, Victoria Tauli-Corpus, a conservação ambiental não pode seguir erigindo "fortalezas" que excluam a população tradicional que excluem a população tradicional. O recente relatório global da IPBES (Plataforma Intergovernamental sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos) enfatiza essa recomendação.

O retorno dos três caiçaras se deu em circunstâncias notáveis. Duas organizações da Jureia elaboraram autonomamente um "Plano de Uso Tradicional", que apresentaram à Fundação Florestal em 2018, na presença de membros do Ministério Público Federal, da Defensoria Pública e de assessores acadêmicos. O plano é uma proposta de gestão sustentável caiçara para parte da Estação Ecológica Jureia-Itatins, que alia a presença de uma população tradicional e seu bem viver à conservação da biodiversidade. A Fundação Florestal não respondeu aos caiçaras.

No Brasil, mais do que nunca, unidades de conservação, terras indígenas, quilombolas e de outros povos tradicionais estão sob ataque cerrado tanto de invasores ilegais quanto de projetos do governo federal e do Legislativo. É contra isso que temos de nos insurgir!

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br  
Cartas para: Barão de Limara, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

### Saneamento

Difícil acreditar que são 35 milhões de pessoas sem acesso à rede de abastecimento de água e 100 milhões sem acesso à rede de esgoto no Brasil ("Mantido ritmo, Brasil vai atrasar em 30 anos meta de saneamento universal", Cotidiano, 9/10). Ainda que tal informação tivesse uma margem de erro de 20%, seria um absurdo conceber e aceitar isso numa sociedade dita civilizada em pleno século 21. Há décadas, ouço que o Brasil é o país do futuro...

**Lafaeti Tomasauskas Bataglia** (Sertãozinho, SP)

Essa situação dramática e vexatória em que permanecem os índices de saneamento básico após 14 anos de governos lulo-petistas — que diziam priorizar os mais pobres — é a prova mais robusta e contundente do império da mentira e da corrupção a que estamos submetidos.

**Nelson Vidal Gomes** (Fortaleza, CE)

Enquanto você espera melhoria para o saneamento, Bolsonaro espera resposta a uma consulta feita ao TSE para saber se poderá levar os recursos do fundo partidário do PSL caso migre para outro partido ("Bolsonaro busca saída jurídica para deixar PSL e evitar cassação de deputados", Poder, 9/10).

**Nelson Oliveira** (Brasília, DF)

Só o investimento público é capaz de levar água e coleta de esgoto às periferias do Brasil. Porém, com o teto de gastos em vigor, o Estado fica impedido de ampliar esses investimentos. O novo marco de saneamento, em tramitação no Congresso, quer delegar essa tarefa à iniciativa privada. Contudo, duvido que agentes privados invistam para levar esses serviços para quem não possa pagar as elevadas tarifas que serão praticadas.

**Eduardo de Azevedo Silva** (São João do Meriti, RJ)

### Desenvolvimento

O Brasil não pode ficar sem um Plano Nacional de Desenvolvimento, apenas dependendo da vontade dos liberais e burgueses internacionais que só visam ao próprio lucro.

**Francisco Anêas** (São Paulo, SP)

### Sínodo

Estão desmoralizando o Sínodo da Amazônia ("Vida na Amazônia nunca esteve tão ameaçada, diz dom Cláudio no sínodo", Poder, 7/10). O papa é alvo de deboches grosseiros. A Igreja tenta conscientizar as pessoas de que o ecossistema está sendo agredido e de que os pobres e as populações indígenas são desrespeitados com o pretexto da defesa do subsolo da região, com seus riquíssimos minerais. O Sínodo precisa de apoio e orações para que a paz e a solidariedade ajudem a encontrar o caminho do desenvolvimento humano justo.

**Eurico de Andrade Neves Borba** (Caxias do Sul, RS)

### Chico

Bravo, Chico, você é muito, muito, maior do que ele ("Chico Buarque ironiza frase de Bolsonaro sobre seu prêmio em rede social", Ilustrada, 9/10). Seu legado para a cultura brasileira será para sempre. E, como diz a sua música, "apesar de você, amanhã há de ser outro dia...".

**Johnny Rizzieri Olivieri** (Serra Negra, SP)

Inveja que mata... Deste governo já se ouviu que a atriz Fernanda Montenegro é sórdida e que Chico Buarque deve esperar pela assinatura de Bolsonaro. Pai, livre-nos desse mal.

**Lucia Helena Paludetto** (Birigui, SP)

### Bolsonaro

Bolsonaro, eleito com ajuda de (hoje sabemos) uma fraude no WhatsApp, justifica sua homofobia dizendo que defende "valores cristãos". Quais? Aqueles que autorizam homicídios ao fazer pose com "arminha"? Aqueles que admitem que vale esturpar mulheres — mas não todas, só as que "merecem"? Aqueles que incentivam a destruição das florestas e o genocídio indígena? Se acredita em Deus, está na hora de começar a temer o inferno.

**Maria Rita Kehl** (São Paulo, SP)

Será que Bolsonaro tem ideia da magnitude, da responsabilidade e dos princípios republicanos que envolvem o cargo que ocupa? Envolve em denúncias de caixa dois e de manipulação de dados governamentais e cercado de assessores atolados até o pescoço em irregularidades, dispara contra a imprensa. E escolheu como alvo a Folha, um dos pilares do jornalismo investigativo no Brasil.

**Marcelo Rebinski** (Curitiba, PR)

Em 2018, 57 milhões de pessoas votaram não em Bolsonaro, mas contra o PT. Passada a euforia da vitória, aos poucos vem caíndo a ficha. Elegeram um indivíduo cujo único projeto é manter a si próprio e a seus filhos no poder. Ele é capaz de qualquer coisa para isso, inclusive fazer de boi de piranha correionários que desviaram verba de campanha para benefício-ló.

**Cecília Barbosa** (Santos, SP)

### Fora do PSL

O gênio pretende fazer o quê? Usar o escândalo do laranjal como justificativa no TSE para carregar junto os parlamentares e o fundo partidário ao mesmo tempo em que mantém o ministro do Turismo, o laranjeiro-mor?

**Leonardo dos Reis Gama** (São Paulo, SP)

Estou cheio deste desgoverno. O lema de Bolsonaro é "mentira acima de tudo, censura pra cima de todos".

**João Hilgert Martins** (Imbituba, SC)

### Negras na publicidade

Passando para deixar um agradecimento pela reportagem sobre negras fora da publicidade ("Negras movimentam R\$ 704 bi por ano, mas são escanteadas pela publicidade", 6/10). Isso fortalece nossa luta contra o racismo e o preconceito.

**Davi Santos** (Taboara, RJ)

### Tributos

Excelente o enfoque de Luiz Gê sobre economia e tributação (Ilustrada, 7/10). É a injustiça social e a má distribuição de renda que afetam o consumo, por falta de dinheiro da maioria da população. Pena que os que tratam da reforma tributária não têm a visão do cartunista.

**Francisco Napoli** (São Paulo, SP)

### O livro de Janot

O fracasso da venda foi consequência do marketing excessivo. Fica a lição. O público sabe escolher entre o ouro e o cascalho ("Janot apareceu em silêncio e lança livro em evento esvaziado", Poder, 7/10. **Shigeyuki Yoshikuni** (Lins, SP)

### Drogas

Lúcidia a decisão do ministro Luís Roberto Barroso de revogar a prisão de um homem com 43 g de maconha. Espero que os demais ministros do STF atuem o Recurso Extraordinário 635.659, que pode descriminalizar a posse de maconha e outras drogas. É inaceitável que o Brasil perca em receitas, ao não legalizar a maconha, o suficiente para pagar todas as aposentadorias e gerar mais de 1 milhão de empregos.

**Daniel Marques** (Virgíniópolis, MG)

## ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

**PODER** (8. OUT., PÁG. A13) Diferentemente do que afirmou a reportagem "Relação com políticos e empresários foi pilar de obra social

de Irmã Dulce", o título da biografia escrita por Graçiliano Rocha é "Irmã Dulce, a Santa dos Pobres", e não "Santa Dulce dos Pobres".